

**O LEGADO CONCEITUAL DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL NO PENSAMENTO DE
CARL RATNER: ENTREVISTA AO LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA HISTÓRICO-
CULTURAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ.**

**EL LEGADO CONCEPTUAL DE LA TEORÍA HISTÓRICO CULTURAL EN EL
PENSAMIENTO DE CARL RATNER: ENTREVISTA PARA EL LABORATORIO DE
PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL DE LA UNIVERSIDAD ESTATAL DE MARINGÁ.**

**THE CONCEPTUAL LEGACY OF THE CULTURAL HISTORICAL THEORY IN CARL
RATNER'S THOUGHT: INTERVIEW FOR THE LABORATORY OF CULTURAL-
HISTORICAL PSYCHOLOGY OF THE STATE UNIVERSITY OF MARINGÁ.**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.54182>

Fernando Wolff Mendonçaⁱ

Eduarda Henriqueⁱⁱ

Julia Martins Hernandezⁱⁱⁱ

Carl Ratner^{iv}

Resumo: O presente texto representa o trabalho de formação de protagonistas na Psicologia Histórico- Cultural. Este protagonismo se inicia com a formação de alunos do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá que participam do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural, um projeto de ensino e extensão, em que os professores coordenadores mobilizam ações formativas para os futuros profissionais. Com fundamentos no materialismo histórico-dialético é proporcionado aos alunos processos de autogestão e desenvolvimento de ações em que a prática-teórica metodológica se faz presente. Nesse caminho, uma das ações que se sobressai é a administração do legado de conhecimentos produzidos por diferentes autores consagrados na psicologia histórico-cultural mediante a produção de entrevistas sobre os caminhos produtivos desses autores. Este texto apresenta o resultado do trabalho teórico e conceitual produzido pelo Prof. Carl Ratner, durante entrevista produzida e gerida pelos alunos do laboratório. Pretende-se, dessa forma, manter viva a produção e a memória desses grandes pensadores da teoria.

Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural. Materialismo histórico-dialético. Formação omnilateral.

Resumen: El presente texto representa el trabajo de formación de los protagonistas de la Psicología Histórico-Cultural. Este protagonismo comienza con la formación de los estudiantes del curso de Psicología de la Universidad Estatal de Maringá que participan en el Laboratorio de Psicología Histórico-Cultural, un proyecto de enseñanza y extensión, donde los profesores coordinadores movilizan las acciones formativas para los futuros profesionales. Basados en el materialismo histórico-dialéctico proporcionamos a los alumnos procesos de autogestión y desarrollo de acciones en los que está presente la práctica teórico-metodológica. De esta manera, una de las acciones que se destaca es la administración del legado de conocimiento producido por diferentes autores de la Psicología Histórico-Cultural a través de la producción de entrevistas sobre las trayectorias productivas de estos autores. Este texto presenta el resultado del trabajo teórico y conceptual realizado por el profesor Carl Ratner durante una entrevista producida y

gestionada por los alumnos del laboratorio. Se busca así mantener viva la producción y la memoria de estos grandes pensadores de la teoría.

Palabras clave: Psicología histórica cultural. Materialismo histórico dialéctico. Formación omnilateral.

Abstract: The present text represents the work of formation of protagonists in Cultural-Historical Psychology. This protagonist starts with the formation of students from the Psychology course of the State University of Maringá who participate in the Laboratory of Cultural-Historical Psychology, a teaching and extension project, where the coordinating professors mobilize the formative actions for the future professionals. Based on the historical-dialectical materialism, we provide the students with processes of self-management and development of actions in which the theoretical-methodological practice is present. In this path, one of the actions that stands out is the administration of the legacy of knowledge produced by different authors of Cultural-Historical Psychology through the production of interviews about the productive paths of these authors. This text presents the result of the theoretical and conceptual work produced by Prof. Carl Ratner during an interview produced and managed by the students of the laboratory. It seeks in this way to keep alive the production and the memory of these great thinkers of the theory..

Keywords: Cultural Historical Psychology;. Dialectical historical materialism. Omnilateral formation.

Apresentação do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural

O Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural (LAPSIHC), vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, foi fundado em 2008 por necessidade de alunos e professores, visando o aprofundamento dos estudos da psicologia histórico-cultural. O grupo reúne atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas numa perspectiva marxista radical e rigorosa em termos anticapitalistas. É composto por estudantes de graduação e pós-graduação em psicologia e áreas afins, além da comunidade.

O objetivo geral do LAPSIHC é o de demonstrar como as categorias do materialismo histórico-dialético servem de base aos princípios da Psicologia Histórico-Cultural (PHC). Entende-se que a psicologia, como integrante das ciências humanas, na investigação e compreensão da constituição da subjetividade humana como objeto não pode apartar-se das relações sociais de produção e da expressão destas no âmbito das ideias, ou seja, das teorias. Aprender e compreender a ciência psicológica por este prisma é possível quando as categorias do método materialista histórico-dialético são empregadas nas análises dos fatos e eventos humanos, objetivando uma práxis anticapitalista. Deste objetivo desdobram-se as ações formativas anticapitalistas internas à universidade e/ou vinculadas aos demais grupos sociais e coletivos organizados.

O funcionamento do laboratório atende dois princípios: da auto-organização e da unidade forma/conteúdo. O primeiro refere-se à organização coletiva não hierarquizada, pautada no objetivo e finalidade social da tarefa (PISTRAK, 2013; PISTRAK, 2011). O segundo, ao fato de que há uma unidade dialética forma/conteúdo, pois o domínio da PHC, a partir de sua raiz marxista, significa o avançar da reprodução de citações, constituindo-se como segunda natureza naqueles que dela se apropriam, mudando a nossa relação conosco e com os demais.

Partimos da matriz marxista como um método de apreensão da realidade e um movimento do próprio real. O materialismo que se descola da dialética cai no mecanicismo, pois a dialética é o ser em processualidade, e nos permite compreender o mundo em movimento (NETTO, 2011). Superar o senso comum fragmentário, dogmático sem cair no relativismo irracionalista é possível por meio da ontologia marxiana, base da psicologia histórico-cultural. Compreender o indivíduo como ser social é entendê-lo como

cultural e historicamente formado “que imbrica o indivíduo (singular) e o gênero humano (universal) por meio da relação que entre eles se estabelece (particular)” (PASQUALINI & MARTINS, 2015).

Além disso, o laboratório, enquanto um coletivo, tem por objetivo promover e consolidar, ao longo desses 14 anos, encontros, diálogo, reflexões, discussões, fundamentações, pesquisas, eventos e entre outras atividades que tentam ampliar a perspectiva da psicologia histórico-cultural e possibilitar a socialização de conhecimentos e estudos elaborados pelos participantes. Dentre as produções realizadas pelo grupo de estudos, faz-se importante uma ressalva à organização do evento “Método e metodologia em pesquisa na abordagem do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural” que em 2019 completou sua quarta edição e que, caminhando com a necessidade da realidade, novamente observada pelo coletivo, propôs em todas as suas edições um intercâmbio de conhecimento entre todas as partes interessadas no materialismo histórico-dialético, proporcionando o aprofundamento teórico no método. Atualmente, o grupo de estudos conta com o acompanhamento de professores da UEM, como Silvana Tuleski, Adriana Franco e Fernando Wolff Mendonça.

Outra atividade desenvolvida pelo laboratório é o projeto “Entrevistas com os clássicos da Psicologia Histórico-Cultural”, que nasceu com a proposta de retomar e reconstruir a história e trajetória do desenvolvimento da psicologia histórico-cultural enquanto ciência e prática profissional. Diante disso, buscamos dialogar, por meio de questões gerais, com autores clássicos para registrar suas importantes e ricas contribuições que impactam nas discussões e análises atuais acerca da realidade concreta.

A psicologia histórico-cultural foi elaborada por Lev Semyonovich Vigotski (1896-1934), Alexis Leontiev (1903-1979) e Alexander Romanovich Luria (1902-1977), que se basearam no método materialismo histórico-dialético de Marx e Engels. Esta teoria compreende o ser humano como um “ser ativo, social e histórico, a sociedade como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material” (BOCK, 2007).

Vigotski (apud TULESKI, 2008) viveu na Rússia no período da Revolução de 1917 e visava a construção de uma “nova psicologia”, que seria capaz de resolver o antagonismo entre materialismo e idealismo, além de ter a visão de um ser humano unificado e indivisível, que só seria possível através de uma união de toda a sociedade para a construção de um projeto coletivo também único, que sintetizasse as necessidades de toda a população russa, o projeto comunista.

Para o autor, o produto da relação do homem com a natureza cria necessidades típicas ao homem e esta produção é transmitida historicamente. Partindo desse ponto de vista, o bielorusso dizia ser necessária uma psicologia geral que unificasse os conhecimentos particulares e específicos das áreas em torno da psicologia.

Embora Vigotski tenha falecido aos 34 anos, em 1937, Luria e Leontiev foram responsáveis pela disseminação dos textos do bielorusso, ainda que muitos deles haviam sido censurados com a ascensão de Stalin. Por este motivo, as traduções de suas obras no Ocidente foram muito tardias, sendo a primeira tradução do livro *Pensamento e Linguagem* apenas em 1962 nos Estados Unidos da América.

Registrando os caminhos da psicologia histórico-cultural

Com a finalidade de expandirmos as discussões realizadas no espaço do projeto, com as discussões do grupo de estudos e as construções teórico-coletivas entre os participantes, o projeto das entrevistas com autores da psicologia histórico-cultural foi, aos poucos, objetivado pelo grupo, dando sentido à finalidade da extensão, um dos tripé da universidade pública brasileira. Isto é, elevar os debates realizados pelo grupo a um contato mais direto com os próprios pesquisadores e, para além disso, disponibilizar o conteúdo dessas trocas, diálogos e saberes compartilhados com o público. É uma forma de manter o legado dos conhecimentos articulados da psicologia histórico-cultural que foi apropriado ao longo de um tempo, de uma história e de uma sociedade específica.

A sociedade capitalista criou um movimento de distorção da obra de Vigotski, especialmente no tocante às suas raízes marxistas e do materialismo histórico-dialético. Prestes e Tunes (2012) nos contam que as obras do autor foram proibidas e censuradas por cerca de 20 anos da União Soviética, interferindo na expansão do conhecimento elaborado pelo russo. Além disso, as autoras evidenciam a tentativa de apagamento das referências de Marx, Engels e outros autores marxistas da obra de Vigotski por meio de traduções intencionalmente direcionadas para um discurso editado, revisado e fragmentado. Nas palavras das autoras (PRESTES; TUNES, 2012, p. 328): “devido a traduções pouco cuidadosas ou a intenções de apresentar um Vigotski menos marxista e menos comprometido com o regime socialista, acarretaram distorções e interpretações equivocadas do seu pensamento”.

Sendo assim, está posta a intencionalidade do LAPSIHC para lembrar e resgatar a psicologia histórico-cultural, sua história, suas raízes, o desenvolvimento das pesquisas e o seu fazer profissional. Esse resgate se dá por meio de entrevistas com autores clássicos, que estiveram no forte do posicionamento da reafirmação de uma psicologia com bases marxistas, que se orienta a partir do materialismo histórico-dialético e se atua com a sociedade de classes a fim de compreender seus processos de alienação, contradição e opressão. Isso se faz essencial em tempos de questionamento da ciência, invalidação do pensamento crítico e desvalorização da pesquisa.

Compactuando com a tese de Prestes (2010), o grupo tem a “intenção de demonstrar como suas obras sofreram censura e deturpações tanto em seu país como fora dele, assim como recuperar um personagem que não só foi seu colaborador, mas também desempenhou um papel importantíssimo no desenvolvimento da teoria histórico-cultural” (p. 58). Reitera-se, portanto, a relevância do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural em manter o legado dos grandes pesquisadores da PHC por meio do projeto de entrevistas com os clássicos da psicologia histórico-cultural.

Para tanto, a primeira entrevista do projeto supracitado foi realizada com o psicólogo, professor e pesquisador Carl Ratner. Os contatos com o autor para socialização dos objetivos da entrevista, bem como para o convite e demonstração do interesse em conhecer e se aprofundar mais em sua história foram realizados pelo coordenador do laboratório. O grupo se reuniu para discutir e organizar, embasado nos estudos e leituras das publicações do autor, perguntas norteadoras para o desenvolvimento da entrevista e acompanhamento da vida e obra do autor. As perguntas elaboradas não foram pensadas para tornar a

entrevista rígida e direcionada, mas para resgatar alguns pontos importantes da história acadêmica do pesquisador, a fim de compreender os seus percursos e caminhos trilhados na psicologia histórico-cultural.

O autor recebeu o contato com afeto e interesse e, assim, foram marcados a data e o horário da entrevista, realizada via plataforma Google Meet. Ratner autorizou a gravação, transcrição, publicação e divulgação pública da entrevista. Em um primeiro momento, o Laboratório foi apresentado ao autor e ao público do vídeo, além do projeto e do currículo do pesquisador. Em seguida, a entrevista foi iniciada com perguntas norteadoras e se desenrolou como uma rica oportunidade de registro digital dos legados teóricos do autor, cumprindo com um trabalho educativo e socializador para o desenvolvimento da psicologia histórico-cultural. Colocamos neste texto a íntegra da entrevista e da biografia do autor.

Vida e obra de Carl Ratner

Carl Ratner é professor aposentado pela Universidade de Humboldt e diretor do Institute for Cultural Research and Education, na Califórnia, nos Estados Unidos da América. Desde 2011 até os dias atuais (2022), é professor adjunto no programa de doutorado de psicologia, na Universidade Autônoma de Morelos, no México.

A trajetória intelectual de Ratner começa nos anos 1970, quando o autor começou a discutir a necessidade de uma psicologia crítica e estudar o marxismo com a finalidade de, inicialmente, construir uma psicologia dialética, a partir das propostas da antipsiquiatria. Atualmente, Ratner defende a construção de uma Psicologia Macrocultural, com a obra de Vigotski e das discussões no campo da Psicologia Cultural.

Em entrevista, Ratner relata sobre sua trajetória com a psicologia histórico-cultural. Ele teve contato com os escritos de Vigotski no começo dos anos 80, e já sabia um pouco sobre seu contexto político. Na época em que ele começou a ter uma base em marxismo e a ciência social marxista, era graduando do curso de psicologia e, nesta mesma época, o autor conseguiu um emprego como professor, mas como não gostava da Psicologia Contemporânea, não acreditava que tinha muito a contribuir para os problemas da vida material e certamente não tinha nada a contribuir para melhorar o mundo.

Após a graduação, Ratner fez um PHD em psicologia e começou a ensinar, mas sentia que não tinha um bom material da teoria psicológica para as aulas. Neste mesmo tempo, nos anos de 1970, os estudos de Vigotski começaram a ser traduzidos e foi quando o autor descobriu que as obras vigotskianas eram marxistas. Esta descoberta o animou, uma vez que pode observar os conceitos de Marx em seus trabalhos, baseado em seu contexto político e em suas pesquisas em ciências sociais durante o conturbado contexto radical nos Estados Unidos.

Concomitantemente com seu trabalho como professor, Carl Ratner entrou em contato com antropólogos que tinham pesquisas interessantes a respeito da Psicologia Cultural, focados na psicologia da pessoa e na cultura diversa, o que era a base da psicologia histórico-cultural e entrou na Associação de Antropologia Americana. Neste grupo de estudos, os pesquisadores começaram a ler as obras de Vigotski e, em 1980, foi quando os movimentos dessa abordagem começaram a aparecer nos EUA.

Também nos anos 80, Ratner tirou um ano sabático da universidade onde trabalhava, e se interessou e ingressou no Laboratory of Human Cognition de Michael Cole, na Universidade da Califórnia, em San Diego. Michael é um grande estudioso das obras de Luria, por isso, baseou este laboratório nos trabalhos de Luria e Vigotski. O autor afirma que foi esse o momento crucial para a sua iniciação nos estudos da psicologia histórico-cultural e diz que estava muito empolgado com esses novos estudos de desenvolvimento dentro da psicologia, uma vez que com essas novas traduções, os psicólogos, considerados muito individualista, poderiam olhar mais para os problemas sociais. Além de ser grande contribuição para a sociedade.

Entretanto, com o passar dos anos, Ratner observou que os psicólogos estadunidenses da abordagem histórico-cultural não estavam interessados no marxismo, além de não terem uma base marxista, uma vez que a maioria dos psicólogos estava mais voltados à academia e não tinham uma orientação das ciências sociais progressistas ou marxistas. Após várias discussões a respeito de como Vigotski queria construir uma Psicologia Marxista e uma ética, Ratner foi se afastando desse grupo de pesquisadores, até que descobriu os psicólogos brasileiros e observou que no país, muitos psicólogos têm aproximação política e marxista. E, por isso, começou a passar mais tempo no Brasil, conhecendo também os professores Silvana Calvo Tuleski, Adriana Franco e Fernando Mendonça, da Universidade Estadual de Maringá e orientadores do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural (LAPSIHC).

Atualmente, Ratner lança seu novo livro (em inglês) ‘Cultural Psychology, Racism and social Justice’, publicado pela Springer ed, no ano de 2022, no qual apresenta, dialeticamente, os conceitos de psicologia social em Vigotski, e aborda as questões do racismo e justiça social como problema contemporâneo da natureza humana.

Entrevista com Carl Ratner.

Apresentamos na sequência a íntegra da entrevista realizada, que ocorreu de modo informal; a transcrição traz a informalidade da conversa e manifesta em vários momentos as características da oralidade.

Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural: Você pode nos dizer sobre sua trajetória profissional e seu primeiro contato com a psicologia histórico-cultural?

Carl Ratner: Primeiro, eu quero agradecer por todas essas questões. Eu penso que são questões muito bem pensadas e foi proveitoso para mim pensar nelas. E eu percebi o quão avançados estão seus estudos por ter pensado nesses tipos de questões. E eu também quero contar a vocês que vocês, estudantes, são os mais sortudos de todos os estudantes do Brasil, porque vocês têm Fernando (Mendonça), Silvana (Tuleski) e Adriana Franco como professores, mentores e colegas. Eles são simplesmente pessoas maravilhosas. Eu acho que eles têm o mais profundo conhecimento sobre a PHC, de todas as pessoas que eu conheci no Brasil. Obviamente tem muitos que eu não conheci. Mas eles têm um entendimento bem preciso, do meu ponto de vista, um entendimento bem profundo, o que é bem difícil de adquirir nesses dias, pois há muitas distrações. Há muitas, muitas tendências opostas ao marxismo, em direções distintas ao

marxismo, que é muito fácil para as pessoas se tornarem distraídas e não estarem realmente próximas dos princípios da PHC. Então eu penso que vocês vão ter uma excelente educação. Eu só espero que possam conseguir um trabalho. Afinal de contas, eu não sei como os estudantes de PHC fazem para conseguir empregos, se isso os preocupa. Eu acho que vocês têm um entendimento muito bom, e eu também penso que é muito útil e muito importante para vocês estudarem, mas não apenas para entenderem a psicologia, mas porque a PHC tem tantas implicações, tantos insights, sobre eventos sociais contemporâneos, que eu acho que irá ajudar a vocês a entender o mundo e seu país muito melhor. Na verdade, isso está relacionado, você sabe, à questão, porque meu encontro com a PHC é, na verdade, muito interessante, porque eu a encontrei no começo dos anos 1980. Mas eu já tinha ouvido muito sobre seu forte contexto político. Antes disso, no final dos 1960's, e 1970's, quando aconteceu a revolução cultural no Oeste, muito importante por razões políticas e razões econômicas, e também por razões sobre a ciência social. Então, teve essa grande orientação política para a esquerda durante aquele tempo. E, eu fui muito afortunado por crescer naquele tempo. E, mesmo antes disso, eu quero ensinar uma palavra que vocês provavelmente não conhecem. Que é, vocês já ouviram a expressão "red diaper baby"? Eu fui um bebê de fraldas vermelhas, mesmo antes (das revoluções no Leste). Então eu tive essa grande base em marxismo e a ciência social marxista. Hum..., e, na verdade, eu tive um tempo muito difícil, porque eu estava estudando psicologia na graduação e eu consegui um emprego como professor, mas eu não gostava de psicologia contemporânea, porque eu achava que ela não tinha muito a contribuir para os problemas da vida material e, certamente, não tinha nada a contribuir para melhorar o mundo. E eu fiz um PHD em psicologia e eu comecei a ensinar, mas eu não sentia que tinha bom material psicológico para ensinar. Mas, naquele tempo, havia muitas sociologias de esquerda interessantes, e algumas discussões sobre sociologia e como condições sociológicas afetam o psicológico das pessoas. Então, nos primeiros anos em que eu estava ensinando, eu usei esse material, mas então eu estava... Bem, meus colegas ficavam dizendo "Carl, onde está toda a pesquisa psicológica e todos os experimentos psicológicos, e essas coisas?". E então, eu estava muito preocupado nos anos 1970, em como eu conseguiria uma carreira na psicologia com meus interesses, com minha base. E fortuitamente, os trabalhos de Vigotski começaram a ser traduzidos nos anos 1970. Eu descobri esses trabalhos e realmente fiquei muito animado, pois eu pude ver que Vigotski estava usando a abordagem de Marx na psicologia. Ele diz isso, mas além de dizer, eu pude ver todos os conceitos de Marx em seus trabalhos, baseado no meu contexto político, em minha pesquisa em ciência social, durante aquele tempo radical no USA. Eu estava bem animado, e pensei: "Bom, aqui está algo que eu posso usar, isso é algo onde eu posso fazer contato com outros psicólogos, e realmente desenvolver orientações para a progressão para a psicologia, usando Vigotski como base". Então, naquele momento outras pessoas estavam lendo Vigotski e estavam bem animadas. Havia algumas associações e grupos de leitura e também naquela época tiveram interessantes pesquisas na psicologia cultural de antropólogos. Eles tinham pesquisas interessantes e tinham pesquisas antropológicas, mas eles estavam focados na psicologia da pessoa e na cultura diversa, e isso era a base da psicologia histórico-cultural. Com isso, eu fiz contato com esses antropólogos e entrei na associação de antropologia americana. E então Vigotski apareceu e algumas pessoas da antropologia o leram. E também, vários psicólogos começaram a lê-lo e achei isso muito animador e pensei que isso seria a base de uma nova

abordagem da psicologia, onde seria científico e apareceria como uma disciplina da psicologia, mas que também teria todos esses conceitos políticos progressistas e implicações.

Em 1980 eu estava bem animado e foi quando os movimentos da PHC começaram nos EUA. E um dos lugares principais foi o Laboratório de Cognição Humana (Laboratory of Human Cognition) de Michael Cole, na Universidade da Califórnia, em San Diego. Ele, na verdade, aprendeu russo, foi para a União Soviética e estudou com Luria e ele começou este laboratório que foi baseado no trabalho de Vigotski e Luria. E nos anos 80, quando tudo isso estava acontecendo, eu tive um ano sabático da minha universidade. Eu escrevi para Michael que também estava interessado em Vigotski e eu disse que estava em um ano sabático e era apenas, você sabe, um garoto do norte da Califórnia interessado em Vigotski, e perguntei se poderia participar das discussões. Então, Michael disse que sim e que seria incrível e eu passei um ano no laboratório com ele e ele convidava 6/7 estudantes por ano para ter essas discussões. Então essa foi minha iniciação na psicologia histórico-cultural e, como eu disse, eu estava muito empolgado que isso seria todo um desenvolvimento novo dentro da psicologia.

Vigotski estava muito popular e eu tinha muito contato com essas pessoas e isso tudo era novo para todos os psicólogos, porque Vigotski não tinha sido traduzido antes. Todos nós ficamos muito felizes em conhecer e estar interessados nisso também. Todos nós tínhamos pesquisas diferentes e interessantes e no começo foi muito acolhedor e amigável e eu pensei que isso seria muito bom porque os psicólogos são muito individuais e não prestam muita atenção nos problemas sociais. E eu disse que isso poderia ajudar muito a grande sociedade a estudar psicologia política e social e eu pensei que todos poderiam ter o mesmo sentimento. No começo foi tudo amigável e eu notei que com o passar dos anos, todos esses psicólogos americanos da histórico-cultural não estavam interessados no Marxismo. Primeiramente, eles não tinham uma base marxista porque a maioria era psicólogo acadêmico e até Michael era um psicólogo experimental e não tinha uma orientação das ciências sociais progressista ou marxista, ou qualquer coisa do tipo. Então, ele estava interessado em Vigotski mais para um propósito pós-cultural e eu descobri lentamente que poucas pessoas tinham interesse marxista em Vigotski e eu fiquei muito desapontado, porque Vigotski disse exclusivamente que ele queria construir uma Psicologia Marxista e uma ética. Eu disse que esse não era o meu ponto de vista, mas que a psicologia do Vigotsky deveria seguir essa direção. Não era eu que estava falando isso, era ele, e eles deveriam estar seguindo-o, mas não estavam porque não falavam de marxismo e nem estavam interessados nisso.

Por volta dos anos 1980, eu comecei a ver todas essas pessoas, e nessa época havia cinco, seis ou set anos de pesquisa, conferências e muito desenvolvimento na PHC e eu notei que o trabalho que eles fizeram era também muito interessante, mas eu estava especialmente interessado nos aspectos políticos, porque era muito importante para a sociedade americana na época e também porque era o que Vigotski enfatizava.

Em 1980-1990, eu comecei a me tornar crítico dos outros vigotskianos, não pessoalmente, mas porque eles não estavam seguindo o ponto-chave. E, também, é necessário lembrar que nos anos 90 houve muito ativismo político, feminismo, direitos civis, libertação negra e todas essas coisas. E por causa de eles

não estarem interessados no aspecto marxista de Vigotski, eles não poderiam usar PHC para se relacionar com esses movimentos. E isso foi um grande desapontamento para mim, porque eu estava envolvido nos movimentos sociais antes de eu ler Vigotski e durante os anos eu me tornei mais crítico e claro que eu acho que, como no Brasil, nos EUA, quando alguém começa a te criticar, você não conversa mais com as pessoas. E eles não estavam interessados nas minhas críticas, e não era pessoal, não era o meu ponto de vista e sim o que Vigotski estava dizendo.

Em 1999 eu percebi que tinham poucos psicólogos da PHC que, eu penso, realmente estavam seguindo a parte importante de Vigotski. Mas, você sabe, os outros milhares de psicólogos interessados em Vigotski estavam interessados em outras partes de seu trabalho. Quero dizer, eles usaram seus escritos sobre educação de forma muito produtiva. E eu pensei que eles fizeram uma boa contribuição em suas áreas. Mas, eu estava preocupado com a PHC como uma compreensão da teoria psicológica, que não apenas explicaria a psicologia humana, mas também melhoraria a psicologia humana, incluindo todas essas questões políticas que precisam ser consideradas. E, então, eu respeito o trabalho que eles fizeram na educação, mas eu mantive o sentimento de que eles poderiam ir muito mais a fundo, incluindo os comentários mais políticos de Vigotski, como um dos comentários que ele fez em seu livro "Psicologia Pedagógica".

Ele disse que "toda a questão da educação na sociedade nunca poderá ser resolvida enquanto existirem problemas sociais e contradições no sistema social". Imagina isso? Então, isso é o que eu estava procurando, sabe? Isso é o que estávamos procurando nos 1970's, porque isso diz que uma boa educação requer uma boa sociedade. Então, essa é a conexão entre a política e a ciência social. Em vista de ser um bom professor, e fazer uma boa pedagogia, você também tem que estar preocupado em desenvolver a sociedade. Caso contrário, você não será capaz de fazer reformas educacionais. E Vigotski disse isso. Então, eu continuei lendo artigo após artigo e disse: "Vigotski está dizendo que você tem que mudar a sociedade". Então, como você trabalha, ajuda a mudar a sociedade? E, como eu disse, eles só ficaram irritados, dizendo "Ah, Carl, você é tão crítico, e blá blá blá...". E, por isso, meu círculo social ficou menor. Daí, eu descobri psicólogos brasileiros, que eram os mais próximos.

No Brasil, há muitos psicólogos que têm uma abordagem mais política e marxista. E, então, eu comecei a passar mais tempo no Brasil e conheci um bom número dos vigotskianos progressistas. Pessoas que tiveram uma orientação política para a psicologia. E foi assim que eu conheci Fernando, Silvana, todo seu grupo, e pessoas de outras áreas. Em um período mais recente, eu descobri que a psicologia brasileira, os vigotskianos brasileiros, é realmente o que tem o melhor entendimento de Vigotski. E é onde eu estou agora.

Os americanos se distanciaram mais e mais do marxismo. E agora vocês provavelmente ouviram sobre o ISCAR, é o International Society of Cultural-Historical Activity Research e foi, na verdade, iniciado por Michael, em San Diego, e as pessoas em torno dele. E no início da década de 1980, pelo menos essas pessoas leram algumas obras marxistas, sabe, só para entender o que Vigotski estava falando sobre. Mas, eles nunca usaram o marxismo em seus trabalhos, mas pelo menos eles estudaram o marxismo e houve alguma discussão.

Agora, se você olhar para seus diários, eles têm um chamado "Mind, Culture and Activity". Não tem absolutamente nada a ver com amplas questões sociais e nada político, nada marxista. É tudo uma questão de interpessoalidade. Como vamos melhorar a educação em um nível interpessoal? E Michael realmente é muito famoso, porque ele iniciou alguns programas para ajudar crianças desfavorecidas, crianças pobres. E ele desenvolveu programas de computador para ajudá-los a fazer certas associações e fazer essas pequenas tarefas cognitivas, que são interessantes, mas, você sabe, não tem nada a ver com mudar a sociedade. E, hum, a maioria das pessoas, quase a maioria dos vigostkianos, teve uma aproximação muito interpessoal de Vigotski, e uma aproximação muito interpessoal da psicologia histórico-cultural. E, é claro, tem alguns usos para isso. Ele era um professor, você tem que prestar atenção em relações interpessoais. Mas, eles, de onde eu posso ver, eles realmente abandonaram qualquer preocupação com o amplo sistema social, com a economia política, com classe social ou qualquer coisa assim. E é tudo parecido com o jeito que a educação era há muito tempo. Você sabe, professores ajudam estudantes, existem algumas técnicas interpessoais e coisas assim. E isso é o quê? É o que a psicologia histórico-cultural se tornou, certamente para a maioria. E, como vou contar no meu exemplo pessoal: há alguns anos atrás então, eu fui convidado para dar uma palestra principal lá (onde?) (ABRAPEE-2017) e outro cara de Copenhague foi convidado, que é um membro muito ativo no ISCAR, o grupo de PHC. E ele veio e deu uma palestra. E é claro que na minha fala eu enfatizei esta afirmação de Vigotski que para melhorar, para resolver problemas educacionais, seria necessário resolver os problemas sociais. E, então, esse outro cara veio e ele esteve em todos os tipos de posições de liderança no grupo ISCAR. E, então, ele veio de Copenhague e o principal tema de sua palestra foi que a maneira de melhorar a educação é garantir a educação universal no Brasil. E toda a conversa foi sobre fazer a educação acessível e disponível para todas as crianças, de todas as classes sociais, todas as rendas. E esse cara é esse grande representante da psicologia histórico-cultural. E ele fez sua fala, eu fiz a minha fala e, houve uma discussão. E eu disse "bem, eu tenho um comentário sobre...", o nome dele era Seth Chaiklin e eu disse algo sobre a apresentação. Eu disse também "é claro que a educação universal é necessária, mas a educação universal é uma frase muito ambígua e abstrata, porque não especifica nenhum conteúdo". Então eu disse "os neoliberais podem dizer 'nós vamos fazer educação neoliberal universal' e, então, eles se encaixariam no requisito de Seph". E eu disse "seus requisitos são tão abstratos que as pessoas podem atender a sua exigência e podem dizer 'sim, nós também somos pela educação universal, mas a educação que eles praticam é muito conservadora" e é o que a educação neoliberal tem demonstrado para mim, que é uma péssima abordagem educacional. Em seguida, eu disse "você é um membro do grupo da Psicologia Histórico-Cultural e você está abrindo a porta para a pior forma de educação, que é a neoliberal; e, quem pratica a educação neoliberal, pode dizer: 'sim, sou um psicólogo histórico-cultural, porque eu também acredito na educação universal". E eu disse, "veja, estou apenas tentando explicar a você como é importante fazer com que a política seja central para a sua pesquisa em ciência histórica e social e o quão importante é tornar a política central para sua pesquisa em educação. Se você não especificar a política, estará dando as boas-vindas à educação neoliberal". E eu disse: "você sabe, obviamente, que este é um péssimo caminho a seguir. Então, este é um exemplo pessoal de alguns anos atrás a respeito da diferença entre minha abordagem e a da educação de Vigotski em relação à abordagem

atual destes psicólogos da histórico-cultural. E Michael é a mesma coisa, eles não falam sobre os problemas políticos concretos”. É claro que fui um pouco criticado depois que eu fiz minha pequena crítica. Seph é ... não quero criticar Seph pessoalmente, só queria explicar a abordagem diferentes da PHC e o que eu acho que é um problema, isso é tudo! E então ele disse “oh, ok, eu gostaria de responder o Carl”. E então a resposta dele foi que é muito importante para os psicólogos brasileiros terem educação universal. Ele simplesmente disse a mesma coisa de novo e ele mencionou alguns outros famosos educadores que também disseram que é muito importante ter educação universal e ele nunca disse uma palavra sobre a minha crítica, nem uma palavra. É como se eu não tivesse dito nada. E então isso é um exemplo pessoal que aconteceu no Brasil e, claro, a maioria das pessoas na plateia, depois, foi até ele. No final, a maioria das pessoas estava na plateia, foi a palestra principal, você sabe, o discurso. As pessoas que estavam na conferência disseram a ele - tenho certeza que aprendemos tanto com você e seu discurso foi tão inspirador e tudo mais... E uma pessoa disse “mas sabe, no Brasil nós já temos educação universal e tudo o que ele disse, não é nada novo”. Então, alguns exemplos resumem como é minha relação com a PHC agora e, então, o que eu tenho feito mais recentemente é tentar introduzir a psicologia histórico-cultural, os estudiosos marxistas, porque há muitos jornais marxistas e as pessoas estão interessadas na PHC.

Agora estou introduzindo Vigotski e o marxismo na psicologia. O marxismo porque mesmo que Vigotski fosse psicólogo, meu pensamento é que o marxismo seria mais receptivo aos escritos de Vigotski por causa de seu marxismo. Então, os psicólogos são ou pelo menos marxistas seriam mais receptivos aos pontos marxistas da obra de Vigotski. Isso é o que eu tenho feito e eu tenho meio que... reduzi minha interação com os norte-americanos e europeus da PHC. E, agora, o que aconteceu com todo esse tipo de orientação pós-moderna, é que muito e vários psicólogos realmente rejeitam os princípios marxistas em Vigotski. E antes eu pensei que eles estavam ignorando-os por estarem mais interessados em questões interpessoais, mas agora há muita rejeição, porque dizem que Vigotski não enfatizou suficientemente a agência individual. E, você sabe, esses tipos de pontos que são muito populares agora... como eu disse, eu sinto agora, quero dizer, isso é tudo, você sabe, minha opinião! Outras pessoas terão opiniões diferentes, mas a minha opinião agora é que a PHC, pelo menos na América do Norte, não estou falando do Brasil. Eu acho que é isso, que está em uma situação muito triste agora.

Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural: Do seu ponto de vista, como é que a psicologia histórico-cultural se diferencia enquanto uma abordagem teórica dentro da psicologia?

Carl Ratner: Do jeito que Vigotski designou, é extremamente, difícil e diferente por causa das coisas que eu estava dizendo e tentando trazer. Ele tentou trazer marxismo, materialismo histórico-dialético e não há psicólogos que têm alguma compreensão disso e não há psicólogos que tenham interesse nisso. Eles não sabem nem o que é materialismo histórico-dialético. E outra coisa que Vigotski disse é que a PHC, e que toda psicologia deveria integrar-se à psicologia humana em princípios materialistas históricos. Não é incrível? E não há ninguém no mundo que já tenha feito isso. Eu nunca vi isso em nenhum escrito sobre Vigotski e, obviamente, isso é uma abordagem totalmente diferente para a psicologia. E na psicologia, como no exemplo da educação, uma boa educação tem de ser integrada num conceito de uma boa sociedade, e a

maioria dos educadores não tem essa concepção. Eles entendem que educação deveria ser para ajudar crianças a aprender materialmente e fazer isso ser eficiente, fazer isso compreensível e para dar aos estudantes autoconfiança, e esse tipo de coisas, o que é bem legal. Mas, não tem nada a ver com criar um país socialista e uma economia política socialista, você sabe. Então essa é uma das coisas que me atraíram até Vigotski.

Princípios sobre combinar a melhoria política com a melhoria psicológica, e então, eu entendo que essa é realmente demanda de diferenças que ele é profundamente e fundamentalmente político em sua perspectiva socialista, você sabe, na perspectiva dele. E é exatamente por isso o porquê eu pensei que todos esses psicólogos e educadores se tornariam mais marxistas ao lerem para Vigotski. Pois ele, Vigotski, diz isso o tempo todo. Você tem que entender o marxismo, você tem que entender que a nossa meta é o socialismo. E eu disse: "Oh! Hum, todos esses psicólogos agora vão ler Marx para descobrir o que é o marxismo, o que é o socialismo, o que é materialismo histórico". Mas ninguém fez. E, então, conceitualmente, eu digo que vocês têm estado fiéis a Vigotski e, se vocês estão realmente seguindo Vigotski, então, essas coisas políticas são enormemente diferentes da psicologia padrão e da educação padrão. Mas, o fato é que, agora, pouquíssimas pessoas têm perseguido e desenvolveram esta abordagem diferente. Daqui por diante, quando você lê educadores vigotskianos, você não consegue ver nada em seus trabalhos diferente do convencional. Você sabe, é apenas um pouco diferente. Por exemplo, se você ver os jogos de computador de Michael para ajudar estudantes a aprender coisas, não têm absolutamente nada que seja diferente do convencional, você sabe, das abordagens cognitivas para a educação. E então, agora, eu não acho que há realmente uma diferença entre a psicologia histórico-cultural e qualquer outra psicologia. E, como eu disse com o exemplo da educação universal, eu quero dizer... isso soa muito legal, soa ótimo, parece ótimo, todas as crianças devem ter educação, mas, se você não especifica que tipo de educação, então você está abrindo as portas para todos os tipos de terríveis... muitos perigos e é exatamente o que eles fazem. Então, de novo, esse é meu ponto de vista! Suponho que se você conversar com Sefh, por exemplo, ou outras pessoas, eles diriam "Ah, sim, é muito diferente". Mas, então, é só perguntar: e você sabe de que maneira é diferente então? Eu não acho que eles poderiam perceber quaisquer diferenças reais. Então, é um tipo de resposta incerta. Quero dizer, eu acho que a ideia básica é que, em Vigotski, há uma tremenda diferença entre sua abordagem e outras psicologias. Mas, o fato é que agora todas as diferenças foram muito perdidas. Isso é o que eu penso. E eu não sei como é no Brasil, mas eu defendo que seria muito interessante examinar a psicologia histórico-cultural e educadores no Brasil e, efetivamente, olhar para suas recomendações para melhorar a educação ou para melhorar a psicologia ou olhar para seus conceitos psicológicos e ver se há uma diferença significativa entre seus trabalhos e os convencionais. Isso seria interessante, sabe, um pequeno estudo para vocês fazerem... A psicologia histórico-cultural no Brasil é significativamente diferente da convencional?

Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural Quais contribuições a psicologia histórico-cultural traz para o entendimento da psiquê humana? O que você considera essencial para guiar o trabalho dos psicólogos?

Carl Ratner: Eu acho que...eu acho que essa é uma pergunta muito boa, como você sabe, Vigotski... Bem, primeiro lugar, o próprio marxismo envolve muitos e muitos elementos diferentes e muitas dimensões diferentes. Em outras palavras, se você pensar sobre o marxismo, você pode pensar em coisas/temas como classe social... ou em exploração, você também pode pensar na dialética, e também em Hegel. E houve muitos aspectos abstratos e teóricos no marxismo e também alguns muito específicos, como o Marx na análise de Marx sobre o capital e coisas assim. E eu digo que a mesma coisa é verdade sobre a PHC, que Vigotski tomou a mesma atitude. Ou seja, ele escreveu muito sobre problemas dialéticos, relações dialéticas, como ocorre a relação dialética entre, digamos, pensamento e linguagem. E há alguns tipos de problemas gerais da natureza humana na psicologia histórico-cultural assim, como esses, qual é a relação entre a psicologia e a linguagem, esse tipo de coisa.

Essa é uma grande parte de Vigotski e, também, Vigotski tem muitos escritos sobre educação, por exemplo, que a educação não deveria ser autoritária, e essas são as coisas que outros psicólogos histórico-culturais tiraram de Vigotski. E, como eu continuo dizendo que certamente essas coisas são parte da psicologia histórico-cultural. É só isso. Eu acho que Vigotski falou sobre essas coisas, mas ele também as relacionou com outras coisas como materialismo histórico e o sistema político em que estamos vivendo e esse tipo de coisas. E eu digo que existem todos esses níveis diferentes para a psicologia histórico-cultural estão inter-relacionados. Quando Vigotski fala sobre seu materialismo histórico, não é apenas o materialismo histórico como uma teoria separada. É tudo tão bem amarrado, entender as relações dialéticas entre as coisas. Então, eu acho que é como Marx... se você quer entender Marx, você tem que entender os problemas gerais da filosofia. Todas as teorias e as filosofias, esse idealismo e todas as coisas que ele falou. Mas, então, também há outras coisas. A alienação do capitalismo e a exploração e tudo isso. Então, se você quiser dizer que realmente entende Marx, obviamente você tem que entender todas essas coisas interconectadas e eu acho que o mesmo acontece com Vigotski. Mas é, agora estou terminando outro livro, onde eu passo pelo trabalho de Vigotski e em meus primeiros trabalhos quando eu enfatizava que Vigotski falava sobre pontos políticos e marxistas. Mas, neste último livro, adotei uma abordagem mais refinada. E eu mostro que quando Vigotski falava sobre um problema psicológico específico, como o desenvolvimento cognitivo em crianças, isso parece ser um daqueles tipos de problemas mais gerais da natureza humana. Mas em todos os casos que eu examinei, quando ele falou sobre problemas abstratos mais gerais, ele também fala sobre o quão importante é, por exemplo, no desenvolvimento cognitivo em crianças, e todo o seu desenvolvimento cognitivo depende totalmente da natureza do sistema social onde vivem. E então essas não são questões separadas, que eu acho que se você ouvir Vigotski cuidadosamente, você pode encontrar os problemas políticos em todos os problemas teóricos e interpessoais, todas as questões educacionais. E parece-me que é uma maneira interessante de olhar para o Vigotski. Eu entendo que a maioria dos psicólogos histórico-culturais dizem que Vigotski era muito diversificado e ele esteve doente durante grande parte sua vida e não teve tempo de escrever as coisas com muito cuidado e não tinha tempo para escrever teoricamente e, então, ele fala um pouco sobre educação e ele fala um pouco sobre dialética, sobre relações interpessoais, sobre a zona de desenvolvimento próximo e também fala de política, mas eu estou descobrindo que essas não são questões separadas que ele escreveu em momentos diferentes, que tudo isso

está muito integrado para ele. E como eu disse, é incrível, porque ele falava sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças de cinco, seis anos e, então, no outro parágrafo ele diz: “mas claro que esse processo todo depende do tipo de sistema político-econômico em que as crianças estão vivendo”. E ninguém nunca fala sobre isso! Então, esse é o tipo de coisa que eu estou trabalhando. Mas sabe, é porque eu tinha esse interesse de muito tempo atrás de tentar entender a relação entre a psicologia, a política, o marxismo e tal. Eu entendo que todas essas questões diferentes na PHC são muito integradas e não é como se ele estivesse trabalhando em alguma coisa, pegou tuberculose e depois trabalhou em outra coisa. Eu não acho que seja assim. Mas que ele sempre pensava nessas coisas juntas, mas não conseguia escrever sobre elas juntas extensivamente. Com isso quero dizer, é incrível para mim encontrar esses parágrafos em todos os lugares. No meu último livro, eu tenho um capítulo sobre a psicologia de Vigotski em que eu mostrei que realmente todas as coisas psicológicas são realmente uma preparação para... ou, em outras palavras, que ele enquadra questões psicológicas em termos que são aceitáveis para um entendimento político. Portanto, é difícil explicá-lo brevemente, mas isso é o que eu acho ... é o que é muito distinto sobre ele e, mas, o interessante é que porque ele falou sobre tantas coisas diferentes em coisas diversas, todas esses diferentes vigotskianos podem dizer “bem, eu sou vigotskiano porque ele fala sobre X, porque ele fala sobre Y, porque ele fala sobre Z”. Portanto, é fácil perder de vista a integração porque é verdade... sabe, ele escrevia rápido e só teve dez anos para escrever. Mas, acho que se você olhar mais profundamente todas essas coisas tem uma conexão integral e você acha se procurar.

Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural Quais lacunas ainda existem para novos pesquisadores/estudantes avançarem no desenvolvimento da PHC hoje em dia?

Carl Ratner: Há lacunas porque a maioria dos vigotskianos não entendeu a integração de todos os problemas que estávamos falando e eles tratam esses problemas diferentemente. E se você ver as pessoas dos grupos de pesquisa sobre a educação, eles enfatizam alguns aspectos da escrita e tem pessoas, como um amigo meu, que é interessado em linguagem, em aprender a língua estrangeira e ele usa Vigotski, porque Vigotski enfatiza a linguagem para pensar a psicologia. Então, eu entendo que as lacunas estão em tentar integrar essas coisas e também tentar estabelecer a relação de todas as ideias específicas dele com os princípios de Marx e do materialismo histórico-dialético. Isso é uma lacuna gigante e ninguém fez isso. Por exemplo, você pode notar que eu, recentemente, escrevi um livro sobre Psicologia Neoliberal e eu uso conceitos da PHC de Vigotski como conceitos explicativos para entender a psicologia neoliberal, e eu acho que as concepções dele ajudam a clarificar a relação entre neoliberalismo e psicologia. E por eu estar interessado em aplicar o materialismo histórico-dialético na psicologia humana, como Vigotski disse que deveria ser feito, então eu disse “bom, o neoliberalismo é um grande problema social e tem um enorme efeito na vida social e isso para mim é um exemplo perfeito de como o materialismo histórico se aplica à Psicologia”. Então eu usei o materialismo histórico para analisar o neoliberalismo e eu dei exemplos de Psicologia Humana que tem sido afetada pelo neoliberalismo e isso me parece uma lacuna que os psicólogos poderiam almejar. Tem milhões de problemas acontecendo agora, como terrorismo, fascismo e como todas essas coisas afetam a psicologia humana. A psicologia no BR tem se tornado mais fascista? Tem algo que

podemos denominar de psicologia fascista? E, não é só como as pessoas pensam, tipo o Trump é um fenômeno incrível porque ele é uma das pessoas mais más na história da humanidade e ele tem tanto suporte e tanto das pessoas e é inacreditável o que esse homem é capaz de fazer. E a PHC deveria estar estudando isso e porque as pessoas seguem esse homem. Tudo o que ele diz é mentira e nunca diz a verdade. Tem listas que dizem que em uma semana ele mentiu 15.000 vezes em público e as pessoas seguem essas coisas...

Considerações finais

Pela entrevista realizada com Carl Ratner, foi possível considerar a importância de compreender o contexto histórico em que o autor está inserido e iniciou suas pesquisas na área. Seu contato com a obra de Vigotski, nos anos 1970 e 1980, nos demonstra a demora que as traduções e trabalhos marxistas e vigotskianos chegaram aos Estados Unidos, além de notar que os princípios marxistas da teoria do bielorrusso foram desconsiderados por parte dos psicólogos estadunidenses, por não terem esta base marxista e uma orientação das ciências sociais progressistas, utilizando os estudos mais voltados à área da educação e de maneira menos crítica e voltada para a ética e questões sociais e culturais.

Ao se incomodar com esta solidão no campo da psicologia histórico-cultural nos Estados Unidos, Ratner se aprofundou nos estudos da teoria na parte social e cultural, começando os estudos da psicologia macrocultural. Além disso, realizou estudos e pesquisas críticas, que recuperam a perspectiva marxista do autor, combatendo esse distanciamento e essa teorização individual, que ignora a cultura e o sistema político-econômico em que se desenvolve cada sociedade, especialmente a de classe em que estamos inseridos. Por isso, o autor se preocupou em se aproximar de pesquisadores e grupos que estão interessados e preocupados em compreender o materialismo histórico-dialético, a sociedade de classes e, assim, entender de que forma a psicologia, crítica e macrocultural está envolvida nesses processos.

E também, foi possível compreender que o autor participou de congressos brasileiros da psicologia, como o ABRAPPEE, entendendo que no Brasil, outros autores da psicologia histórico-cultural estão pesquisando da maneira que ele, Ratner, considera viável e crítica. Foi assim que o pesquisador conheceu o Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural, realizando alianças com os coordenadores, o que fortaleceu as trocas e intercâmbios de pesquisas realizados em ambos países. Ainda, é o que dá sentido à primeira entrevista realizada do projeto Entrevistas com os Clássicos da Psicologia Histórico-Cultural, que contou com a história e a trajetória do autor na psicologia. Esses intercâmbios cumprem o objetivo do projeto de expandir e manter o legado teórico do autor, sendo um fazer educativo e socializador para o desenvolvimento da psicologia histórico-cultural.

Por fim, reforçamos a relevância do projeto realizado pelo LAPSIHC e a potência dos estudos e pesquisas realizados por Carl Ratner na empreitada de reviver e reforçar a psicologia desenvolvida por Vigotski e seus companheiros, a partir do materialismo histórico-dialético de Marx e Engels.

Referências:

BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia. In:

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M; FUTADO, O. Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-37.

TULESKI, S.C. Vygotski: a construção de uma Psicologia Marxista. 2 ed. Maringá: Eduem, 2008.

TULESKI, S.C.; FRANCO, A. F. (org.). O processo de desenvolvimento normal e anormal para a psicologia histórico-cultural: estudos contemporâneos. – Maringá: Eduem, 2019.

GUIMARÃES, C. C. (2011). Entrevista: José Paulo Netto. Trabalho, Educação, Saúde, v. 9(2), 333-340. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/tes/a/V6gVSJn7fR8qtTIXTPN7syw/?lang=pt>

PASQUALINI J. C. & MARTINS, L. M. (2015). Dialética Singular-Particular-Universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. Psicologia & Sociedade, v. 27(2), 362-371. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WFbvK78sX75wDNqbcZHqcPj/?format=pdf&lang=pt>

PISTRAK, M. M. (2011). Fundamentos da escola do trabalho. (3º ed, Trans. Daniel Aarão Reis Filho). São Paulo: Expressão Popular.

PISTRAK, M. M. (Org.). (2013). A escola-comuna. (2ª ed, Trans. Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich.). São Paulo, SP: Expressão Popular.

PRESTES, Z.; TUNES, E. (2012). A trajetória de obras de Vigotski: um longo percurso até os originais. Estudos de Psicologia, v. 29(3), 327-340. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/7vwqYTPXdwPdKnSTkqyNsWS/?lang=pt&format=pdf>

SANFELICE, J. L.. Dialética e Pesquisa em Educação. In LOMBARDI, J. C. & SAVIANI, D. (Orgs.). (2008) Marxismo e Educação: debates contemporâneos. (2º ed, pp. 69-94). Campinas, SP: Autores Associados.

Notas

ⁱ Doutor em Educação. Professor do Departamento de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural da Universidade Estadual de Maringá. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7217425134430009> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6193-4793> . Email: fvmendonca@uem.br

ⁱⁱ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural da UEM. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3527429974172897> Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5369-6382> . Email: dudaahenrique@gmail.com

ⁱⁱⁱ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural da Universidade Estadual de Maringá. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5638442931465947> . Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4675-3542> . Email: juliahernandes3@gmail.com

^{iv} PhD em Psicologia Social na State University of New York em Buffalo, Graduado em Psicologia pela University of Wisconsin. Professor aposentado pela Humboldt State University e Professor Adjunto no Programa de Doutorado da Universidade Autônoma de Morelos, no México. Diretor do Institute for Cultural Research and Education na Califórnia, Estados Unidos. E-mail: cr2@humboldt1.com

Recebido em: 29 de abr. 2023

Aprovado em: 30 de abr. 2023